

LEAD BY EXAMPLE. CONVERSA COM MUNDO SEGUNDO

LEAD BY EXAMPLE. CONVERSATION WITH MUNDO SEGUNDO

LEAD BY EXAMPLE. CONVERSATION AVEC MUNDO SEGUNDO

LEAD BY EXAMPLE. CONVERSACIÓN CON MUNDO SEGUNDO

Sofia Sousa

Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal

RESUMO: Mundo Segundo é MC, produtor e ex *b-boy*, mas é também uma figura incontornável do *hip-hop* português. É inclusive um dos mais ativos embaixadores do movimento em Portugal. Nesta entrevista, falamos sobre o seu percurso artístico e abordámos algumas questões que pautam a atualidade. Foi discutido o impacto da pandemia da COVID-19 no processo de *music-making*, refletimos sobre as relações entre música, saúde mental e bem-estar e, além disso, também obtivemos a sua visão sobre as potencialidades de uma intervenção social por via das artes, em contextos desfavorecidos e alvo de exclusão social. Paralelamente a estes tópicos, as perceções sobre a (in)segurança também foram alvo de reflexão.

Palavras-chave: carreiras artísticas, *music-making*, COVID-19, bem-estar, intervenção social pelas artes, exclusão social.

ABSTRACT: Mundo Segundo is MC, producer and ex *b-boy*, but he is also an inescapable figure of Portuguese hip-hop. He is even one of the most active ambassadors of the movement in Portugal. In this interview, we talk about his artistic career and we approach some of the questions that guide the current situation. We discussed the impact of the COVID-19 pandemic on the music-making process, reflected on the relations between music, mental health and well-being and, in addition, obtained his vision on the potentialities of a social intervention through the arts, in disadvantaged contexts and target of social exclusion. Parallel to these topics, perceptions about (in)safety were also reflected upon.

Keywords: artistic careers, music-making, COVID-19, well-being, social intervention by the arts, social exclusion.

RÉSUMÉ: Mundo Segundo est MC, producteur et ex *b-boy*, mais c'est aussi une figure incontournable du hip-hop portugais. Il est même l'un des ambassadeurs les plus actifs du mouvement au Portugal. Dans cette interview, nous avons parlé de sa carrière artistique et abordé certaines questions d'actualité. Nous avons discuté de l'impact de la pandémie COVID-19 sur le processus de création musicale, réfléchi sur les relations entre la musique, la santé mentale et le bien-être et avons également obtenu sa vision sur le potentiel d'une intervention sociale à travers les arts, dans les contextes défavorisés et cible de l'exclusion sociale. Parallèlement à ces thèmes, les perceptions de l'(in)sécurité ont également été examinées.

Mots-clés: carrières artistiques, *music-making*, COVID-19, bien-être, intervention sociale par les arts, exclusion sociale.

RESUMEN: Mundo Segundo es MC, productor y ex *b-boy*, pero también es una figura ineludible del hip-hop portugués. Es incluso uno de los embajadores más activos del movimiento en Portugal. En esta entrevista, hablamos de su carrera artística y abordamos algunos de los temas actuales. Discutimos el impacto de la pandemia de COVID-19 en el proceso de creación de la música, reflexionamos sobre las relaciones entre la música, la salud mental y el bienestar y también obtuvimos su visión sobre el potencial de una intervención social a través de las artes, en contextos desfavorecidos y objetivo de la exclusión social. Paralelamente a estos temas, también se reflexionó sobre las percepciones sobre la (in)seguridad.

Palabras-clave: carreras artísticas, *music-making*, COVID-19, bienestar, intervención social a través de las artes, exclusión social.

1. Ponto de partida

Mundo Segundo é MC, produtor e ex *b-boy*, mas é também uma figura incontornável do *hip-hop* português. É inclusive um dos mais ativos embaixadores do movimento em Portugal. Falar sobre o seu percurso, implica um recuo à década de 90, altura essa em que começou a dar os primeiros passos na música. Conta com duas décadas de carreira e ao longo do seu percurso influenciou gerações, tanto a nível artístico como social. Além disso, Mundo Segundo foi o criador das míticas “Nova Gaia Hip-Hop Sessions” que, ao longo de dez anos, acolheram bandas de norte a sul do país, no antigo Hard Club, na marginal de Vila Nova de Gaia. É parte integrante dos Dealema, um dos grupos com maior longevidade no hip-hop português⁴⁰.

Nesta entrevista⁴¹, falamos sobre o seu percurso artístico e abordámos algumas questões que pautam a atualidade. Foi discutido o impacto da pandemia da COVID-19 no processo de *music-making*, refletimos sobre as relações entre música, saúde mental e bem-estar e, além disso, também obtivemos a sua visão sobre as potencialidades de uma intervenção social por via das artes, em contextos desfavorecidos e alvo de exclusão social. Paralelamente a estes tópicos, as perceções sobre a (in)segurança também foram alvo de reflexão.



Figura 1: Mundo Segundo
Fonte: Cedida pelo próprio.

⁴⁰ Paralelamente aos Dealema, Mundo Segundo esteve na génese de outros projetos musicais, tais como o Terrorismo Sónico, Real Companhia, Sindicato Sonoro, Gaiolin City Breakers, e ainda Factor-X que juntava Mundo Segundo a Dj Guze do coletivo Dealemático.

⁴¹ Esta entrevista insere-se no âmbito de dois projetos de investigação. O primeiro intitulado “Music-making and COVID-19”, que se materializa numa investigação colaborativa entre a Austrália, o Reino Unido e Portugal, e que visa perceber os impactos da pandemia no processo de music-making de jovens artistas. O segundo refere-se ao projeto CANVAS – Towards Safer and Attractive Cities: Crime and Violence Prevention through Smart Planning and Artistic Resistance, foi apoiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização COMPETE 2020 e do financiamento de projeto POCI-01-0145-FEDER-030748.

2. COVID-19 e o *music-making*: a primeira parte

Sofia Sousa: Achas que me consegues descrever o teu percurso profissional? Queria saber como foi a tua evolução ao longo do tempo, se sempre estiveste ligado à música ou se já tiveste outras profissões.

Mundo Segundo: A música basicamente só entrou na minha vida por volta dos 14 anos, mais ou menos, na altura aconteceu o falecimento do meu pai e isso atraiu-me um bocado para o universo musical. A minha mãe cantava *fado* e o meu irmão mais velho, que é mais velho do que eu 20 anos, também é músico. Contudo, eu nunca tive muita afinidade com a música, eu gostava mais de futebol, eu gostava muito de praticar desporto. Então, nessa necessidade de exteriorizar alguma ansiedade ou digamos, depressão interior, acabei por me dedicar à música e começar a escrever. Aliás, comecei por fazer *breakdance*, nessa altura também andava de *skate*. Aos poucos fui-me apaixonando pela música, primeiro pela dança e depois passado um ano e meio ou dois anos, comecei a fazer as primeiras produções e comecei a escrever mais a sério. Neste processo todo, entretanto, saí da escola e entrei no mundo de trabalho, tinha eu uns 17 ou 18 anos, fiquei-me pelo 11º ano. Comecei a trabalhar, fazia as duas coisas em simultâneo porque trabalhava das 9h00 às 17h00 e fazia música, aliás eu mantive essa rotina até chegar perto dos meus 27 ou 28 anos, ou seja, tinha um trabalho normal e a música. A certa altura, percebi que isso estava a começar a ganhar uma proporção maior e que tinha de me dedicar mais à música. Na verdade, num trabalho que eu tinha, eu tive um acidente e recebi uma quantia do seguro e investi esse dinheiro para montar o meu primeiro estúdio. Um estúdio caseiro. A partir daí comecei a levar a coisa mais a sério. Ainda trabalhei durante esse tempo, isto foi em 2000, mas quando senti que já estava a ter um fluxo de trabalho maior, decidi que ainda estava numa idade em que podia arriscar, e foi o que eu fiz. Durante mais de metade da minha adolescência até à idade adulta, tive um trabalho normal, apesar de não ser algo comum hoje em dia, naqueles *rappers* mais conhecidos. Há pessoal que nunca trabalhou, veio da adolescência e entrou logo na música, por razões óbvias, porque muitas pessoas foram pavimentando esse caminho. Eu provei os dois mundos, e de certa forma também me trouxe uma bagagem maior.

Sofia Sousa: E que tipo de trabalhos eram esses das 9h00 às 17h00 de que falas?

Mundo Segundo: Eu tive vários empregos. Trabalhei em lojas de sapatilhas, trabalhei também em lojas de roupa em *shoppings*, também na construção civil, fábricas – e foi quando tive o acidente – em que montava condutas de ar condicionado para *shoppings*. Fiz um monte de coisas. Sempre que havia oportunidade para trabalhar eu aproveitava.

Sofia Sousa: E vives onde atualmente?

Mundo Segundo: Vivi durante 33 anos aqui na zona central de Vila Nova de Gaia. É a minha sede e o meu berço, mas a certa altura senti necessidade de sair do stress citadino, de acordares e veres trânsito, o barulho é constante. Senti necessidade de me mudar para um sítio pacato e acabei por me mudar para Grijó.

Sofia Sousa: Mundo, relativamente à tua produção musical, em que projetos é que estás envolvido?

Mundo Segundo: Neste momento eu tenho três projetos que me ocupam mais tempo. O meu projeto a solo, o projeto que tenho com o Sam The Kid, e o projeto que tenho com os Dealema, que é o mais antigo. Começámos em 1996. Além disso, tenho outros projetos que foram criados em contexto de pandemia, com outras pessoas que estavam na mesma situação de isolamento. Comecei a fazer *lives* no *Instagram*, mais dedicados à produção e direcionados para produtores, sendo que através disso, conheci pessoas e comecei a fazer um coletivo de pessoas. Acabámos por criar uma plataforma online, para estarmos sempre em contacto visual, e conseguimos reunir cerca de 28 pessoas. Já fizemos vários discos e instrumentais. No mês passado já lançámos um álbum com rimas e instrumentais, e já temos outro pronto para sair. Mas a minha “companhia” é o 2º piso, que é o meu estúdio e é onde eu gravo as minhas coisas e outros grupos.

Sofia Sousa: Qual é a tua visão sobre ti enquanto artista, dirias ser um músico profissional, semiprofissional ou amador?

Mundo Segundo: Considero-me profissional, mesmo quando era amador considerava-me profissional. Eu penso que o facto de seres profissional reside na forma como tu encaras a tua profissão, e não no *income* que ela te proporciona. Tu podes ganhar muito dinheiro e não seres profissional, não ter contexto de disciplina para criar. Nesse sentido, sempre fui profissional, mesmo quando era amador.

Sofia Sousa: A pandemia teve algum impacto na tua produção musical?

Mundo Segundo: Sim, claro. O primeiro contacto espiritual com esta situação foi um bocado o pânico. Pensar como ia ser o futuro pois os músicos dependem dos concertos, a venda de discos em Portugal é algo supérfluo e vago. O maior rendimento são as plataformas digitais, como o *Spotify*. É óbvio que isso me tocou logo no princípio, mas pensei em focar-me e gravei imenso. Aliás gravei coisas que se calhar num contexto normal, nunca o teria feito. Quando estás em ritmo de trabalho e tocas todas as semanas, às vezes não tens tempo para criar. Criei muito e chegado a este momento, a que chamámos de *rentrée* em setembro e fim do ano, para te aguentares durante o inverno, já me começa a chatear esta situação. Já tive de fazer mil e uma coisas e reinventar-me para poder continuar a caminhada como músico, mas não tem sido fácil e isso, como é óbvio, tem afetado a minha produção. Como estamos todos debaixo deste clima cinzento e de depressão, eu tento fazer o contrário quando escrevo ou quando crio. Tento não passar esse tipo de vibração para as pessoas, prefiro passar coisas boas ou recordar bons momentos. Mesmo para mim. Isso é terapia. Se escrever sobre isto é para me colocar ainda pior. Afetou-me nesse sentido.

Sofia Sousa: Dirias ter havido alguma forma de fazer música que te ajudasse a lidar com o isolamento? A música teve algum impacto em ti? Achas que contribui ou contribuiu para a tua saúde mental?

Mundo Segundo: Sim, sem dúvida. Voltando atrás, o facto de ter feito esses diretos na internet, e ter-me conectado às pessoas que se sentiam sozinhas nos seus estúdios, fez-me manter são da cabeça. Estar em contacto com 30 pessoas diariamente, em que nos encontrávamos na plataforma *discord* que, apesar de ser muito utilizada para *gaming*, nós utilizámos para produção, e falar sobre música e sobre coisas que gostámos, partilhar o que estávamos a fazer e criar discos juntos, sem dúvida que me manteve saudável nestes meses. Se não fosse isso, estar fechado num buraco,

qualquer pessoa acaba por entrar em delírio. Aliás, o próprio escrever sem ser musical, contribui para o meu bem-estar.

Sofia Sousa: Achas que me consegues dizer alguma característica ou qualidade específica que a música possa ter, na tua opinião, que faça com que a mesma sirva de reforço positivo? Por exemplo, no caso do teu público.

Mundo Segundo: Claro, eu acho que a música neste momento, para muitas pessoas, tem sido o melhor remédio. Por vezes estás numa fase em que te encontras numa zona mais sombria, e não estás com tanta luz, e se calhar vais ouvir uma música que te catapulta para outro lugar mais positivo. Isso acontece com todos nós, e não apenas em contexto de pandemia, mas também numa realidade normal. Não é que isto seja uma realidade anormal, é uma realidade apenas. A música funciona como uma terapia para a maioria das pessoas, seja estares a ouvir uma música que possa ser triste ou alegre, às vezes estás numa zona em que se ouvires uma música triste, tu vais ficar alegre. Pode ter o efeito inverso. Não sei como te explicar, mas é antagónico.

Sofia Sousa: Também consideras ser uma forma de ter maneres socialmente ligado?

Mundo Segundo: Eu gosto muito de tudo o que envolve comunidade. Sempre pratiquei desporto coletivo, e continuo a praticar, e tenho o meu clube de motas também. Ou seja, todos estes universos que juntam pessoas, ideais e partilha, são coisas que me vão mantendo espiritualmente saudável. Há muitas pessoas que, hoje em dia, se sentem sozinhas e a verdade é essa. Às vezes não têm essa vontade de dar o meu primeiro passo e quebrar o gelo nesse sentido. Sempre fui muito comunitário, e para mim a minha família são os meus amigos, as pessoas com quem eu me dou bem, e procuro estar com elas sempre. Isso é essencial. Relacionar-me com os outros, em sociedade, para manter a minha saúde mental é fundamental.

Sofia Sousa: Como já disseste, aproveitaste o isolamento para produzir. E produziste imenso. Tu tinhas alguma estratégia em mente, quando o começaste a fazer? Estratégia de *marketing*, por exemplo?

Mundo Segundo: Eu acho que foi mais no sentido de não entrar em desespero e caos total. Foi uma forma de me manter ativo, mas também manter ativas as pessoas que estavam comigo, de forma a nem sequer pensarem nisto. Foi mais nesse sentido que todos nós, que estávamos naquele nicho e naquele grupo, nos relacionámos. Tenho a certeza que tanto para mim, como para eles, foi super importante para ultrapassar estes meses.

Sofia Sousa: Houve alguma coisa que tu tenhas aprendido durante este tempo que aches que te vai ser útil a longo prazo?

Mundo Segundo: Sim, talvez a comunicação. Acho que às vezes as pessoas têm desentendimentos ou podem ter alguns pensamentos negativos por falta de comunicação. Neste momento, em que as pessoas estão mais sensíveis, aprendi que isso é uma ferramenta muito importante para nos relacionarmos connosco e com os outros. Aprendi isto na pandemia, comunicar. Dizeres o que pensas no momento certo pode ter um efeito muito benéfico, ainda que penses o contrário. Pode causar um impacto positivo na outra pessoa.

Sofia Sousa: Achas que a pandemia vai continuar a ter implicações na tua carreira enquanto músico?

Mundo Segundo: Enquanto perdurar sim. Eu tenho um olho posto já depois disso, e é isso que me mantém com um *drive* positivo. Não vou pensar quantos meses mais vai durar a pandemia. Eu vou pensar e preparar-me para o que vem a seguir. É por isso que tenho produzido bastante.

Sofia Sousa: Tu estavas à espera que os teus concertos fossem cancelados?

Mundo Segundo: Sim, quando falámos de coisas que se calhar o contratante é uma pessoa que tem uma base financeira mais sólida, ou de continuidade, faz sentido reagendar. Quando é um contratante que não tem essa base, e não vai poder ter o arcabouço de aguentar a coisa, mais vale ser sincero e dizer que não consegue. Nesse sentido, foi meio/meio.

Sofia Sousa: Daqui a 10 anos, quais achas que vão ser as tuas memórias mais fortes de teres vivido a pandemia enquanto músico?

Mundo Segundo: Se calhar mesmo isto que acabei de falar, a forma como uma coisa negativa fez com que as pessoas se aproximassem mais umas das outras. Talvez seja isso.

3. Artes e intervenção social: a segunda parte

Sofia Sousa: Em primeiro lugar, gostava de saber as tuas representações e opiniões face a uma intervenção social por via das artes. O que pensas sobre esse assunto?

Mundo Segundo: Acho algo viável. Falaste numa coisa que eu faço com frequência. Eu faço muitos *workshops* em bairros e em escolas. *Workshops* de poesia, de produção, também houve uma altura em que fiz pequenos teatros pelo país, com alunos de escolas, às vezes focado mais em alunos de risco ou mais abertos à comunidade. Eu acho que sim, tudo o que seja sentimentos ou artes coletivas, proporciona que as pessoas se sintam mais incluídas e, nesse sentido, eu acho que a arte é um bom caminho para fazer com que as pessoas se reintegrem na sociedade, e que se sintam ligadas com outras pessoas.

Sofia Sousa: E para ti, o que é um jovem em situação de risco?

Mundo Segundo: É um jovem que pode estar numa fase da vida que ainda não sabe bem o que é que pretende fazer no futuro, e qualquer direção pode ir para um lado bom ou mau. Também já estive nessa zona, e por isso falo quase na primeira pessoa. Depois cabe a ti, consoante o caminho que escolhes, tomares boas ou más decisões. Tem muito a ver com a educação que temos, os valores que nos são passados, não só pela família, mas também pelos amigos. Se tens amigos que te levam em bons ou maus caminhos. Para mim, isso é um jovem em risco. É um jovem que ainda está a decidir o que quer fazer da vida, ou ainda não descobriu qual é a sua vocação.

Sofia Sousa: Quando estiveste nessa situação, as artes ajudaram-te a seguires um caminho?

Mundo Segundo: Sem dúvida, eu às vezes costumo dizer que grande parte dos MC e dos poetas que eu ouvia e ouço, dentro do hip-hop, foram quase como um segundo pai para mim. As referências que eu tenho musicais, permitiram-me ganhar disciplina, organização, saber qual o melhor caminho a seguir para atingir certos objetivos. A música ajudou-me muito nesse sentido.

Sempre prestei muita atenção às letras e aos sinais que elas me davam. Nesse sentido, sem dúvida, a música contribuiu para minha formação como homem.

Sofia Sousa: Como disseste, já tens bastante experiência neste campo. Qual é a tua visão sobre a (in)segurança? Achas que a cidade do Porto é segura?

Mundo Segundo: Eu já andei por vários locais na Europa e isto é um bocado igual em todo o lado. Há zonas mais problemáticas, mas mesmo nas zonas em que tu pensas que estás seguro, pode eventualmente acontecer alguma coisa. Isso depois depende da segurança que o governo, ou quem está à frente, possa transmitir ou não. Por exemplo, se fores à baixa do Porto vais ter alguns polícias espalhados. Enquanto policiamento de vigilância ou o que queiramos chamar. Se fores a um bairro no Porto, a polícia não quer lá pôr os pés e quando vai, é para fazer um *raid* ou algo assim. Não existe esse policiamento de proximidade que pode até causar uma certa segurança às pessoas. Eu acho que é isso. Cabe ao governo não pensar só em colocar policias na “zona fina” e não colocar ali por ser uma zona periférica que não interessa, e vamos só de vez em quando prender uns criminosos.

Sofia Sousa: Era nesse sentido que te perguntava isto, parece haver sempre a ideia de que os bairros são os focos da insegurança, não é?

Mundo Segundo: Mais ou menos. Olha, para mim os maiores criminosos são de classe alta. Isso é uma afirmação que perdura. Se fores ao supermercado roubar porque tens fome, a polícia aparece e leva-te para a esquadra, mas se roubares 20 milhões a um banco prolongas o julgamento e compras os melhores advogados. Acho o contrário, os maiores criminosos não são de classes baixas, são os de colarinho branco, e não quem vive nos bairros. Estamos a falar de pequeno crime, deve ser essa a melhor expressão. O pequeno crime acaba por ser mais punido do que o crime maior, por isso o bairro é uma zona onde existe mais pobreza, por razões óbvias, e por exemplo dou-te o caso de Vila Nova de Gaia. Aqui tens uma zona de é Vila D’Este, que é uma zona onde vivem dezenas de milhares de pessoas, podia ser uma cidade, e o próprio governo dá-se ao trabalho de colocar lá uma escola, uma piscina, dois supermercados, uma farmácia, tudo e mais alguma coisa. Não querem que as pessoas saiam de lá, e muitas pessoas nunca saem do bairro. Tudo é feito para te condicionar, as pessoas podem não fazer essa observação, mas eu faço-a desde a minha adolescência. Colocam tudo ali para não sairmos daquele espaço, e às vezes nem se apercebem disso. Mas é o que eu te digo, nos bairros observas esse tal pequeno crime, como eu o chamo, o pequeno tráfico. Não é que seja assim para todos, atenção. Mas o maior crime tem a ver com a corrupção do colarinho branco, porque isso depois reflete-se em tudo o resto, pois se as pessoas que te governam são criminosas e passam impunes, as pessoas vêm nisso um exemplo. Eu uso uma expressão que adoro que é: *Lead by example* [Liderar por exemplo] e quando o exemplo não é bom, tudo o resto é afetado.

Sofia Sousa: Se tivesses de me dizer três locais dentro do Porto em que te tivesses sentido inseguro, eras capaz de o fazer?

Mundo Segundo: Não, isso é um sentimento que eu acho que não tenho. Sentir-me inseguro na minha cidade, não faz sentido. De outra forma, eu não julgo as pessoas ou os sítios pelo seu aspeto. Todos os sítios que têm um certo aspeto, têm uma certa por detrás para terem chegado a esse ponto. Prefiro perceber a história, para quando for a esse sítio, olhar para ele como um sítio com história e que é assim por causa de uma história. Não iria, por exemplo, a um bairro do Cerco ou do Aleixo, ou a estes lugares que as pessoas olham como sendo locais de crime, mas tudo isto tem uma história por detrás. Não me sinto inseguro nesses sítios, pelo contrário, gosto de viver em comunidade, seja pobre, rico ou intermédio e perceber a realidade de cada um. Isso também me ajuda, na minha arte. Onde algumas pessoas podem ver pobreza, eu posso ver arte. É um bocado por aí.



Figura 2: Mundo Segundo
Fonte: Deck97. Cedida pelo próprio.

Sofia Sousa: Interessante. Porque achas que existe a tendência de associar o crime ou a insegurança aos jovens? Tu que já trabalhaste com jovens, sabes isto melhor do que eu de certeza.

Mundo Segundo: Sim, é por ser um bocado a lógica de os jovens serem alvos mais fáceis. É mais fácil dizeres que ele, por ser jovem, é criminoso. Qual é a diferença entre um jovem que roubou, e isto é um exemplo, um Fiat uno que vale 600 ou 700 euros, se tanto, com um político que roubou 30 milhões? Percebes? O pessoal vai dizer que tu és gatuno, que roubaste um carro e vão-te repreender para o resto da vida, e ficas com cadastro e tudo. Estes senhores, digamos, são expulsos de um banco, mas depois arranjam um trabalho noutra lugar porque cadastro pouco conta. Existe injustiça social nesse sentido.

Sofia Sousa: Continuando nos jovens, pensando naqueles jovens Neets, os que nem estudam nem trabalham, qual é a tua opinião sobre isso? Já tiveste contacto?

Mundo Segundo: No que toca especificamente à minha área, temos jovens que olham para o *rap* ou para a música em geral, como “ah eu quero ser isto ou aquilo”, estás a ver? Mas voltando atrás

na conversa, e ainda inserido na cena dos bairros, para tu seres isto ou aquilo tens de compreender a história para trás. O que aquela pessoa teve de aprender ou passar para atingir esse patamar. Não basta dizer que queres ser jogador de futebol e vais sempre. Tens de contar com os milhares de horas de treino, o que vais abdicar da tua vida para lá chegares. Isto é a mesma coisa. Há jovens que pensam que por causa de verem programas na televisão, *reality shows* que passa a mensagem de que basta aparecer e que vou ser famoso e ganhar dinheiro, mas isso não basta. Não é suficiente. Que tipo de pessoa és e o que tu fazes para contribuir para o bem da sociedade, seja musicalmente ou não. Isso sim, é importante. Os jovens, por vezes, preferem – e vêis isso nas redes sociais – ser patrões do que serem empregados, mas para ser patrão é preciso saber a vida de empregado, e eu acho que os jovens não percebem isso. Não passas de não fazer nada a ser patrão, a não ser que sejas rico. Tens de passar todos os patamares, pode ser mais lenta ou mais rápida a evolução, mas tens de os passar e para aprenderes a razão. Saberes as etapas que são precisas para atingir a posição do patrão. Os jovens de hoje em dia, se vires, vais à internet e é tudo *boss life* e “estamos a viver” e...enfim...acaba por ser ilusão e, como tu disseste, são esses jovens que nem estudam nem trabalham. Muitos deles sustentados pelos pais, por isso acho que faltam essas ferramentas, de que para *ser* é preciso *se saber*, é um bocado isso. Eu tenho uma rima que diz “O saber não ocupa espaço, a quem abre espaço ao saber” e aplica-se a esses jovens, se tu queres ser isso aprende como é que tu vais ser, não digas só que és sem o ser, isso cria uma falsa sensação em todos os outros jovens que pensam que para ser algo, basta dizer que se é.

Sofia Sousa: Quando fazias os *workshops*, alguma vez te disseram que queriam ser como tu?

Mundo Segundo: Sim, mas eu normalmente o que faço, nesses *workshops*, eu conto a minha história. Eu não cheguei ali de paraquedas nem nasci dentro de uma televisão. Conto a minha história e partilho a minha experiência para os aproximar e dizer que sou como eles. Vim da mesma zona, do mesmo sítio, vimos todos aliás, e depois as ferramentas que temos e como as usámos é que nos fazem chegar mais longe ou não. Tento criar um efeito de proximidade para as pessoas perceberem que apesar de elas me verem na música ou na televisão, que no fundo, eu sou um deles.

Sofia Sousa: E qual é a tua visão sobre as consequências, quer sejam elas positivas ou negativas, no contexto de bairros e não só, de intervenções pelas artes?

Mundo Segundo: Sem dúvida que é super importante, quer seja através destas ações que te falei. Eu cheguei a fazer alguns *workshops* nestes bairros do Porto, e isso desperta, por exemplo, nesses jovens NEET, se tu vais e contas uma experiência “olha eu comecei assim e depois tive um trabalho, depois tive de abdicar disto por causa daquilo”, ou seja, aqueles que querem ser como tu, como dizias, se calhar pensam ya, começam a ter uma noção da realidade. Ao contrário do que se pensa, os jovens dos bairros não são burros, e são espertos para a vida. Começam a perceber ok, para chegar ali tenho de passar aqui por estas etapas. Eu consigo sentir isso no fim dos *workshops*, o pessoal vem ter contigo e diz que percebeu que tem de fazer isto, que tem de poupar para comprar isto e fazer aquilo. Nesse sentido não podia ficar mais contente, quando os *workshops* acabam e eu percebo isso. Não digo que funciona a 100% porque existe jovens que precisam de outro tipo de atenção e de acompanhamento, mas grande parte deles percebem a ideia que lhes é passada.

Sofia Sousa: Achas que pode ter impacto, não é?

Mundo Segundo: Sim, claro. Para aqueles que pretendem seguir as artes, a questão é: quantos músicos ou quantas pessoas estão numa posição de estarem mais expostos, vão aos bairros e passam essa informação? Eu dou-me a esse trabalho porque vim de um sítio desses, e sei a importância de alguém ir lá. Na minha adolescência, quando estava a começar a fazer música, eu fui desde sempre vizinho do Ace dos Mind Da Gap, e a influência que ele teve sobre mim através das coisas que ele me passava, foi super importante. Eu retribuir para outros é quase a paga disso que me passaram, percebes? Passar esta informação de que por tu vires daqui, não quer dizer que não podes sair daqui e ter ferramentas para te tornarem algo maiores do que isso.

Sofia Sousa: Além disso, consideras que esses tipos de intervenções podem contribuir para reduzir o sentimento de insegurança face a esses locais, como falávamos? E aqui não só a música, a arte como um todo.

Mundo Segundo: Óbvio. A partir do momento em que as pessoas interagem em comunidade, isso reflete-se na sociedade, tu estás no teu bairro e se te acontecer alguma coisa, como todos se conhecem, vai haver uma entreaajuda muito maior, do que passares na rua e nem cumprimentas o teu vizinho, nem sabes quem vive no 3ºdto. Eu na minha adolescência vivi muitos anos com a minha avó, e ela vivia naquelas típicas ilhas que tens um monte de casas e toda a gente se conhecia. Eu nasci nesse meio, daí a minha necessidade de me relacionar com as pessoas. Estamos a falar de locais em que as pessoas vivem de porta aberta, tu conheces a família toda e se a tua avó não está em casa, comes na casa da vizinha da frente. Acho até que nos bairros existe muito disso, a entreaajuda, isso é importante para a sociedade em geral, para nos sentirmos seguros é preciso conhecermo-nos uns aos outros e perceber as necessidades que cada um tem.



Figura 3: Mundo Segundo
Fonte: Cedida pelo próprio.

Sofia Sousa: Claro. Relativamente às intervenções Mundo, parece que existe uma dicotomia entre centro e periferia, porque é que tu achas que existe essa diferenciação em termos de intervenção? Quando pensas em bairros, pensas quase sempre numa intervenção pelo *hip-hop* ou pelo *graffiti*, enquanto que no centro urbano tens mais variedade. Porque é que achas que isso acontece ou pode acontecer?

Mundo Segundo: Porque isso tem a ver com o governo. É simples. É a minha posição. Eu estou em ambos os sítios, faço muitos trabalhos que são pagos pelo governo ou camarários, e por exemplo, quando vão demolir um bairro ou uma zona de risco, como eles chamam, normalmente eles não tentam inserir as pessoas num contexto de centro da cidade, vão enfiá-las na periferia ou criam um novo bairro. Tens o caso do Brasil por exemplo. No Brasil, as favelas foram construídas por pessoas que vinham de fora do Rio de Janeiro para trabalhar e começaram a construir casinhas e quando se viu, a periferia inteira é favela. Em Portugal igual, enquanto se mantiver a mentalidade de demolir X bairro, por exemplo, quando deitaram abaixo o bairro onde vivia a minha avó - a ilha - foi toda a gente realojada em Vila D'Este, outros para bairros de Avintes. Não construíram um prédio aqui perto da zona para eles morarem. É isso que acontece, era o caso da minha avó que vivia junto ao El Corte Inglés e para construírem a autoestrada, tiveram de demolir esse bairro, então construíam um prédio ao lado, para não tirarem as pessoas da zona onde elas nasceram, tirá-las dos seus vizinhos. Além de quem vive no bairro, quem vive ao redor, também são amigos, e eles pegam nas pessoas e enfiam-nas naquele bairro. E tu, passas a ir viver para uma realidade onde tens pessoas que não conheces de lado nenhum e tiram-te todas as raízes que tu tens. Isso afeta as pessoas, apesar de pensarem que não. De repente tu vives 20, 30 ou 40 anos numa zona e tiram-te tudo e dizem-te que vais para ali, sob a ilusão de que te vão dar uma casa nova, mas o sítio não é o mesmo. Enfiar um monte de pessoas, que lhes tiraram muitas coisas, todas no mesmo sítio, não é saudável.

Sofia Sousa: Pois, e pensando nas iniciativas promovidas, como o OUPA! por exemplo, parece que o *hip-hop* foi quase uma “imposição” para ser feita a intervenção. Porque não pensar noutras expressões artísticas, entendes-me Mundo? E tu que também participaste no Cultura em Expansão, o que achas sobre isso?

Mundo Segundo: Porque se calhar as pessoas do *hip-hop* estão mais disponíveis.

Sofia Sousa: Achas que é isso?

Mundo Segundo: Acho. Se tu fores falar com alguém do *hip-hop* e falas que vais fazer um *workshop* num bairro e não sei quê, vocês querem participar? Sim, claro. É isto. Existe essa disponibilidade, seja do *graffiti*, do *breakdance*, *MC* ou *DJ*. Esse apontamento que tu fazes é interessante, porquê o *hip-hop*? Não é? Porque não outra coisa? Porque as pessoas do *hip-hop* se disponibilizam, percebem a dificuldade de ser um jovem daquela idade, num sítio desses.

Sofia Sousa: Também poderá ser pelo facto de atualmente a cultura *hip-hop* ser vista como pedagogia ou resistência?

Mundo Segundo: Sim, sem dúvida. Aliás, desde sempre. É essa a fonte do nascimento do *rap* por exemplo, no Bronx. A comunidade afro-americana e a comunidade latina, e alguns italianos

também, sentirem uma necessidade extrema de se expressar contra o que estava a acontecer, seja brutalidade policial, guerra de gangues, etc. Isso acaba por ser transversal ao mundo.

Sofia Sousa: E hoje em dia, achas ainda mais imperativo que assim o seja?

Mundo Segundo: Sim, sem dúvida. Porque especialmente nos Estados Unidos, estamos a atravessar uma fase, e nós aqui também porque estamos a ver uma fação de extrema direita a subir e que nos Estados Unidos sempre foi - por razões óbvias e históricas - em que o poder da palavra e de nos afirmarmos como indivíduos e os nossos ideais, é cada vez mais importante para que a sociedade possa viver em harmonia.

Sofia Sousa: Uma última questão, tu que já falaste sobre o governo, se fosses tu a tomar decisões políticas neste campo, o que achas que ainda devia ser feito? Ou melhor, o que gostavas de ver fazer nestes locais, e na sociedade?

Mundo Segundo: Olha, nomeadamente aqui na nossa zona de abrangência, Porto e Gaia, eu acho que faltam muitos espaços para a prática de desporto gratuitos, que na minha altura de infância havia imensos campos de futebol, sítios onde podias ir e conviver com os amigos. Isso falta muito no centro da cidade. Teres um espaço onde tu podes combinar algo com os amigos e depois aparece o pai e trás a famílias. Um jovem que não faz nada, é um jovem em situação de risco, e eu acho que esse é um dos principais focos para mudar o paradigma dos jovens. Tudo aquilo que faz tu interagires de forma saudável, é positivo. Depois, por acaso, nós aqui na Câmara de Gaia – no Porto não sei – temos várias atividades com jovens. Eu fui convidado para participar porque Gaia é candidata à Capital Europeia da Juventude em 2024, e tem-se trabalhado muito nesse sentido. Acho isso muito importante e é dignificante ver que o governo de Gaia se preocupa genuinamente com os problemas dos jovens. E como falávamos, têm solicitado muito as pessoas do hip-hop a participarem, e isso para mim é importante porque, como é óbvio, estamos mais perto e sabemos as necessidades dos jovens, o que gostam de fazer, o que lhes proporcionam alegrias e o que os faz direcionar para coisas boas. Faltam atividades para jovens e espaços de convívio.

Sofia Sousa. Licenciada e Mestre em Sociologia pela Universidade do Porto. Bolseira de Investigação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto. E-mail: sasousa@letras.up.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3504-5394>

Recepção: 10/08/2020

Aprovação: 30/09/2020

Citação:

Sousa, Sofia (2020). Lead by example. Conversa com Mundo Segundo. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, Vol. 3(2), pp. 114-125 . ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav3n2p1